

Fernando Molica

A formação dos militares precisa ser mudada

O indiciamento de 25 militares na articulação golpista reforça a necessidade de uma profunda reformulação nas Forças Armadas e no processo de formação de oficiais.

Não é razoável que, passados 135 anos do golpe que instituiu a República e depois de tantas intervenções militares na política, o país continue a conviver com o risco de ruptura provocado ou apoiado por funcionários públicos fardados.

O fato de que dois dos três então comandantes de forças tenham recusado a aventura comandada, segundo a Polícia Federal, por Jair Bolsonaro não afasta a necessidade de uma mudança radical na carreira militar. Dos três, um deles foi a favor do golpe — só isso mostra o tamanho do problema.

Por ação ou omissão, muitos militares, entre eles oficiais-generais e coronéis, foram cúmplices do processo que culminou com a articulação para impedir a posse de um presidente eleito.

A tolerância com as manifes- tações em portas de quartéis — áreas de segurança — frisa a convivência, algo que deveria ser investigado e punido. Não é segredo algum o tanto que oficiais aplaudiram as muitas ameaças de rompimento anunciadas pelo então presidente.

O fato de Eduardo Villas-Boas, então comandante do Exército, ter dado palpite no julgamento de habeas corpus para Lula foi absurdo, e que ficou impune. A passividade do Supremo Tribunal Federal e do Ministério Público marca uma covardia institucional que gerou graves consequências para o país.

É preciso colocar um fim à tutela que as Forças Armadas insistem em exercer sobre o país. Nós — que pagamos seus salários, suas fardas, suas armas, suas generosas aposentadorias e as pensões de suas filhas — temos o direito de definir o que eles podem ou não podem fazer. E eles não podem ser meter em política, precisam ser convencidos que são subordinados

ao poder civil, eleito pela maioria da população.

De acordo com a PF, a in- tentona golpista só não foi ainda mais grave porque o então comandante do Exército, Freire Gomes, disse não, e ainda ameaçou prender Bolsonaro. E se ele tivesse dito sim? Não se pode achar normal que a permanência da democracia ou a instituição de uma ditadura dependa de um homem.

Em países de democracia madura, seria impensável que algo assim tivesse sido ao menos cogitado. A constatação de que as articulações golpistas tenham chegado a tal ponto e envolvido tantos militares revela a fragilidade institucional das forças armadas, ainda presas à lógica da guerra fria, ao fantasma do comunismo, a conceitos arcaicos.

O amorismo e a falta de cuidado dos golpistas também mostra também o despreparo de oficiais que, em tese, deveriam estar preparados para defender o país — a realização de um convívio conspiratório no salão de

festas de um prédio mostra o tamanho da incompetência.

Em seus dois primeiros mandatos, montado em altos índices de popularidade, o presidente Lula perdeu a chance de mudar a relação com as FFAA. A exemplo de quase todos os ocupantes do Planalto, manteve a lógica de tratar bem os militares, de garantir suas vantagens, de mimá-los com aviões, navios e tanques.

Comandantes militares não se cansam de reclamar de falta de recursos, mas tratam de omitir que cerca de 85% do orçamento das FFAA no Brasil é gasto com salários e aposentadorias e apenas 5% com investimentos — percentuais que contrastam com os aplicados internacionalmente (Estados Unidos e Alemanha aplicam cerca de 40% dos gastos militares em pessoal).

A conversa tem que ser outra, a sociedade precisa estabelecer novas diretrizes para os militares, que precisam aprender a respeitar o poder civil, não podem continuar a achar que não prestam contas a ninguém.

EDITORIAL

Será mesmo que não teria como evitar?

O Supremo Tribunal Federal deve finalizar, nesta quinta-feira (28), o julgamento dos processos que tratam da responsabilidade das empresas que operam as redes sociais sobre o conteúdo postado pelos usuários das plataformas. Mas antes mesmo de sabermos o veredito da situação, vale uma reflexão.

Que as empresas não tem o controle do que seus usuários irão publicar ou expor, de fato, isso não tem como existir. Porém, será mesmo que é válido esperar ordens judiciais para que determinados conteúdos sejam tirados do ar? Empresas gigantes, não estamos falando de micro, estamos falando de as enormes de todo o mundo, no quesito internet e rede social. Não pode existir nenhuma ferramenta de monitoramento? Tal publicação foi escrita com teor racista? Apagada! Tal publicação foi homofóbica? Apagada! Tal publicação difama ou atinge negativamente determinado usuário? Apagada! De fato isso não deve ser tão difícil assim de acontecer quando estamos falando de

empresas que detém bilhões de usuários.

Já foi a época que a internet, principalmente as redes sociais, era terra de ninguém. Atualmente, podemos dar como exemplo a diferença do Instagram e o X (antigo Twitter). Enquanto o primeiro aplicativo censura qualquer publicação de nudes, a rede social de Elon Musk se tornou quase um site de conteúdos pornográficos. Em uma breve pesquisa, conseguimos até notas links de pessoas que trabalham com este tipo de conteúdo no Instagram, direcionando para o X, já que nele, o usuário pode conferir.

Se consegue censurar nudes e conteúdo pornográfico, como não conseguir censurar crimes como racismo, homofobia e intolerância religiosa, por exemplo? Isso passa do limite da liberdade de expressão. Todos têm direito de falar, porém, as consequências devem existir, de fato.

Vamos aguardar o veredito dos ministros da nossa Suprema Corte e acompanhar os próximos capítulos dessa novela chamada "redes sociais".

Os vigilantes da nossa democracia

O fato como ele acontece... A notícia investigada, bem apurada. A capacidade de dar voz aos invisibilizados... São apenas alguns tópicos do papel exercido pelos jornalistas, tendo como pilar uma imprensa livre. Por mais que existam camadas e setores da sociedade que tentam a todo custo descredibilizar o árduo trabalho dos operários da comunicação, não existe democracia sem uma imprensa que denuncia, cobra e exige soluções para os problemas mais latentes que afligem a população cotidianamente.

Os cidadãos, quando não conseguem chamar a atenção do poder público por seus próprios meios, fazem por outro: convocam a imprensa! Enviam suas denúncias, reclamações e sugestões para as redações de jornais, sites e emissoras de televisão e rádio. A partir disso, a probabilidade dos problemas serem resolvidos passa a ser

grande, embora não seja garantido. No entanto, o que era invisível, passa a ser verbalizado através da insatisfação com os sucessivos desmandos, em diversos setores da administração pública.

É fato que a imprensa não existe para agradar. Jornalismo de verdade é o que toca o dedo na ferida, sem temer possíveis retaliações ou cancelamentos em redes sociais. A verdade dos fatos deve ser a premissa do trabalho jornalístico, tendo como princípio a manutenção da normalidade democrática, prezando pela garantia de direitos fundamentais.

Governantes passam! Já a imprensa, seja em qual veículo for, permanecerá registrando os fatos que entrarão para a história, para o agrado e desagrado de alguns. Aos que se agradam, é um bálsamo saberem disso. Para os que não se agradam tanto assim, acostumem-se.

Paulo César Caju*

Imprensa brasileira gosta de provocar

Geraldinos, nossa imprensa está cada vez pior. Novamente, Botafogo e Palmeiras brigando pelo título do Brasileirão, com as duas equipes se enfrentando na reta final da competição. Enquanto o Palmeiras vinha numa ascendente, o Botafogo estava na descendente. O cenário parecido com o do ano passado, mas com uma grande diferença: o técnico do Alvinegro. Artur Jorge conseguiu equilibrar o time no tático e no mental, fazendo com que o time não esmorecesse nesta reta final.

Por mais que o Botafogo tivesse uma tabela mais fácil do que o Palmeiras, há um ponto interessante que discutimos em colunas passadas. Enfrentar equipes da parte de baixo da tabela é mais difícil, pois elas vêm mais na defensiva, procurando conquistar, pelo menos, um ponto. E foi justamente isso que elas fizeram com o Botafogo. Tanto Vitória, quanto Cuiabá e Criciúma terminaram seus confrontos com o time carioca com um ponto conquistado. Obviamente que se o clube venesse esses jogos, provavelmente já seria campeão brasileiro.

E por que citei a imprensa? Porque ela, mais uma vez, citando

aqui Mauro César Ferreira e Paulo Vinícius Cordeiro, chamou o Botafogo de pipoqueiro, avaliando o desempenho do time. Fora eles, toda a equipe da ESPN só sabe falar mal dos times de fora de São Paulo. Vitor Briner, Paulo Calçade, Eugênio Leal, Jean Lodi e outros, não conseguem ver os méritos dos adversários, só os deméritos dos clubes paulistas. O Botafogo soube aproveitar o fator de ter um jogador a mais em campo e o Palmeiras não suportou a pressão, mas eles falam da questão do escanteio que não existiu e esquecem do zagueiro Gustavo Gomes atrapalhando na visão do John no gol do Alvinegro.

Diferente do Botafogo, o Fluminense precisa abrir o olho, pois os dois empates contra Fortaleza e Criciúma não foram bons para a fuga do rebaixamento. Contra o time catarinense, então, quase que perde o jogo nos minutos finais. Claro que o fator mental pesa neste momento, mas, algo que venho comentando aqui, a escolha do Mano Menezes foi equivocada. Ele não é um treinador motivador. Se a questão era alguém para dar ruptura ao estilo de jogo do Fernando Diniz, ela surtiu efeito. Porém, o time

não tem vontade em campo. Fica na dependência de lampejos de Árias e Ganso, para dar qualidade nos passes. Falta garra para o time sair desta posição e o técnico não transmite isso. Ele é mais desagregador do que agregador com o elenco.

E o Vasco? O Cruzmaltino está em rota de colisão. Demitiu o treinador Rafael Paiva e vai usar o ex-jogador Felipe, que fez bons trabalhos no Bangu e no Volta Redonda, que foi recentemente campeão da série C do Brasileiro, para ver se o time consegue uma vaga na Sul-Americana, pelo menos. O grupo político de Pedrinho precisa planejar bem o ano de 2025, para não cometer erros e equívocos que vem fazendo nesta reta final de 2024.

Antes das pérolas, celebrar o acesso de Sport e Ceará, mostrando que o futebol do Nordeste vem crescendo à nível nacional. Pode ser que tenhamos cinco equipes da região na série A em 2025, um feito inédito e que reforça o trabalho dos dirigentes dos clubes, dando como exemplo o Fortaleza, que está novamente na Libertadores e vem lutando temporada a temporada por um título sul-americano.

Pérolas da semana

1 - "Despeja chutões, com os atacantes agudos centralizados, brigando por espaço, amassando o adversário para atrás"

2 - "Jogo apoiado, com alas por dentro ou pelas beiradas, tirando o time da zona de conforto, deixando-o desconfortável"

3 - "Empurrou o time para trás, correndo pelos corredores (de casa ou do restaurante?), com o falso 9 centralizado"

4 - "Alas verticais ou agudos, encostando no falso 9, empurrando a defesa para trás e subindo de prateleira (de qual mercado?)"

5 - "Abriu o campo, indo pelas beiradas, com mecanismos ofensivos"

6 - "Intensidade, encaixando o time com o seu DNA (chama o IFP)"

***Ex-jogador de futebol. Fez parte da seleção do Tricampeonato Mundial no México em 1970. Atuou nos quatro grandes clubes do Rio (Flamengo, Botafogo, Vasco e Fluminense), Corinthians, Grêmio e Olympique de Marseille (França).**

OUTRAS PÁGINAS NO BRASIL E NO MUNDO

José Aparecido Miguel (*)

8 de Janeiro foi incitado para justificar golpe de Estado, aponta relatório da PF

1-INCITADO PELO GOLPE. 8 de Janeiro foi incitado para justificar golpe de Estado, aponta relatório da PF - Polícia Federal. Apuração enfraquece teoria de que ataque às sedes dos três Poderes foi caso isolado, dizem especialistas. Por Ana Gabriela Oliveira Lima. O 8 de janeiro de 2023, em que apoiadores do ex-

-presidente Jair Bolsonaro (PL) depredaram as sedes dos três Poderes, foi fruto de incitação orquestrada por golpistas do entorno do ex-presidente para justificar um golpe de Estado, aponta relatório da Polícia Federal sobre a trama golpista divulgado terça-feira (26) sobre a trama golpista. (...) (Folha de S. Paulo)

2-AMEAÇA CONTRA BOICOTE DE PRODUTOS NACIONAIS. Brasil faz ameaça a quem boicotar produtos nacionais: 'Grave impacto'. Por Jamil Chade. Num comunicado emitido entre o Itamaraty e o Ministério da Agricultura, o governo brasileiro faz uma ameaça clara a empresas e parceiros que optem por realizar algum tipo

de boicote aos produtos agrícolas nacionais. (...) (UOL)

(*) José Aparecido Miguel, jornalista, diretor da Mais Comunicação-SP, trabalhou em todos os grandes jornais brasileiro - e em todas as mídias. E-mail: jmigueljb@gmail.com

Opinião do leitor

Tortura

O torcedor do Fluminense trocou a confiança e alegria pela tortura e pelo sofrimento. O gol não sai, o desespero toma conta do time. enato Augusto no lugar de Ganso é piada de mau gosto. Mano mexeu errado. Lima produz mais pelo time do que ele.

Vicente Limongi Netto
Brasília - Distrito Federal

O CORREIO SUL FLUMINENSE NA HISTÓRIA



Câmara de Vassouras

BARÃO VASSOURENSE

O título de barão de Ubá foi concedido a João Rodrigues Pereira de Almeida, sobrinho de João Rodrigues da Cruz, em 1828, por D. Pedro II. Cronologicamente, ele foi o terceiro titular da nobreza de Vassouras, antecedido pelos marqueses de São João Marcos e Quixerambim. João foi um importante fazendeiro em Ubá, onde atualmente

está localizada a estação de Andrade Pinto em Vassouras. Essa fazenda foi fundada por seu tio, após o fim de uma parceria com a família Ribeiro de Avellar em uma fazenda em Pau Grande. A fazenda de ubá se tornou uma das mais importantes propriedades do município, sendo visitada por Saint-Hilaire em uma de suas vindas a região. Segundo relatos, o

tio do barão de Ubá era estimado pela população indígena local e, junto a João Rodrigues, se dedicou ao aldeamento dos selvícolas da região, fundando também a capela de Nossa Senhora da Glória, em uma área que atualmente é compreendida como Valença. O barão de Ubá também foi um importante comerciante no Rio de Janeiro.

Correio Sul Fluminense

Uma publicação do Correio da Manhã

Direção Executiva: Marcos Salles (Presidente) comercial.grupocorreiodamanha@gmail.com Bruno Portella (Diretor) Rodrigo Magnavita (Diretor)

Cláudio Magnavita (Diretor de Redação) redacao@jornalcorreiodamanha.com.br

Redação: Ivo Ribeiro, Marcelo Perillier, Sonia Paes (editora), Luana Motta, Pedro Sobreiro, Rafael Lima e equipe TVC

Serviço noticioso: Folhapress e Agência Brasil

Projeto Gráfico e Arte: José Adilson Nunes (Coordenação) Leo Delfino (Editor)

Telefones (21) 2042 2955 | (11) 3042 2009 | (61) 4042-7872

Whatsapp: (21) 97948-0452

Volta Redonda: Av. Paulo de Frontin, 590- sala 1306 - CEP 27213-270
Bairro Atterrado - Volta Redonda - RJ
Rio de Janeiro: Av. João Cabral de Melo Neto 850 Bloco 2 Conj. 520
CEP: 22775-057

www.correiosulfluminense.com.br

Os artigos publicados são de exclusiva responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a opinião da direção do jornal.